

Tudo começara com uma grande guerra comercial

Luísa Coelho (*)

É o próprio autor que não resiste à tentação, em forma de explicação e antes de começar a trama, de sentenciar que *Diante da crença de um Deus, nada mais natural do que o desenvolvimento das religiões, traduzindo na linguagem do homem a Sua presença*. Estamos perante uma retórica mística que nos alerta, em citação bíblica, para a existência de falsos profetas que *vêm até nós vestidos de ovelhas, mas por dentro são lobos ferozes*.

Inicia-se o texto, ainda fora da estrutura formal da estória que consta de Prólogo, Introdução e cinco partes, com um *Há muitos anos ...* e onde descortinamos o *incipit* que nos mergulha no infinito de “Era uma vez” das estórias de maravilhar. Neste primeiro tempo, num registo literário recheado de realismo fantástico e encantamento do mundo brasileiro, é-nos relatada uma bela estória passada em meio rural, propício aos milagres que acontecem às pessoas simples e crédulas que vivem próximo da natureza e da verdade das coisas. É aí que nasce o verdadeiro salvador que *sabia fazer mágicas e não tinha medo de alma do outro mundo*, que de seguida se vai eclipsar, mas cuja áurea marcará para sempre toda a História.

E do encantamento do início da estória, passamos ao pesadelo da realidade.

Terminada esta entrada, o texto corre seco, frio e despachado até ao fim. É um encadear de ações que deslocam a trama de uns espaços para os outros apenas diferenciados pela sua localização geográfica, do Recife a Roma, de Tegucigalpa ao Burundi passando por Nova Iorque e Atenas. Vemo-nos perante a tentação do poder e do domínio do Planeta através da elaboração do Livro dos Livros. A obra que compila as regras que dão um sentido ao comportamento humano sobre a Terra. É um projeto demasiado atrativo para escapar aos ambiciosos desonestos. Gustaff, o herói de quem ignoramos tudo, revela-se-nos completamente através das suas tenebrosas intenções e planeadas manipulações, *Tratando milhões como se fossem tostões*.

Neste universo particular de intriga financeira e narcisismos pessoais questiona-se a vida e o comportamento do homem face à tentação do poder e de domínio. Face à possibilidade de agir e decidir de uma forma soberana sobre o destino e futuro da humanidade. Reconhece-se na trama a época em que vivemos, as crises mundiais que enfrentamos e que se refletem nas manipulações que à nossa volta se tecem em nome do bem e da salvação da humanidade. Percebemos o surgimento dos falsos profetas que indicam caminhos que só a eles beneficiam.

Não há estórias de amor ou de relacionamentos afetivos, não há laços entre as personagens, não há descrições de espaços ou situações. Não há romance no sentido plástico do termo. O livro é um rio de lama que corre pelo mundo, todo o mundo, multiplicando ações em cadeia que são, em si próprias, o espelho do estado desse mesmo mundo e dos humanos que o habitam. Frágil e crédulo, exposto aos lobos ferozes disfarçados com peles de ovelha.

E é neste ambiente que vai nascer a fome de justiça e liberdade com a criação de um grupo que luta *contra a manipulação da informação para favorecer esquemas de poder injustos e opressivos; lidera grupos de orações de diversos credos para estreitar as relações do homem com o Criador, denuncia o estímulo ao consumismo, combate a violência, o comércio de armas e as guerras criadas pelos mercadores da morte;*

defende o meio ambiente e a sustentabilidade da ação do homem sobre a face do Planeta; dá assistência aos encarcerados; visita hospitais para levar conforto aos enfermos; cria orfanatos e asilos para acolher abandonados, despossuídos, indefesos e sozinhos; oferece trabalho voluntário a organizações assistenciais; investiga a cura de doenças e males... e procura mostrar que Deus está entre nós, mas todo cuidado é pouco, pois os demónios também estão.

E, ao terminarmos a leitura do livro, apercebemo-nos que o autor procura, apesar de utilizar uma ficção narrativa, *qualquer semelhança apontada com pessoas, vivas ou mortas, terá sido mera coincidência*, desmontar a sua ficcionalidade quando, no fim, nos apresenta um guia de leitura onde coloca por ordem alfabética a “verdadeira biografia” dos seus personagens, até este momento fictícios, e a consequente explicação das organizações que os servem.

Estamos perante uma estória ou o desejo de refazer a História? Estamos perante falsos profetas ou a profecia da chegada de salvadores? Ao leitor de julgar.

Setembro de 2014

(*) Ex-professora das universidades de Utrecht, nos Países Baixos, Innsbruck, na Áustria, e Amiens, em França, atualmente, Luísa Coelho é a leitora oficial Leitora do Instituto Camões e leciona nas Universidade Livre e Humboldt de Berlim.